

ANÁLISE DE DISCURSO E SEMIÓTICA: RELAÇÕES POSSÍVEIS

Tiago Santos Nascimento (UNEB)

rrpptiago@gmail.com

Lidiane Santos de Lima Pinheiro (UNEB)

lislina@uneb.br

RESUMO

O presente artigo busca possíveis relações entre a Semiótica e a Análise de Discurso (AD), destacando momentos históricos que contribuíram para o desenvolvimento epistemológico dessas duas disciplinas. Realizando breve pesquisa bibliográfica que buscou aproximações e divergências entre as teorias, privilegiou-se leituras de Pêcheux (1997) e Peirce (2005), cujas obras advêm de estudos filosóficos e linguísticos, mas têm em Saussure sua parte de crítica inicial. Pêcheux e Peirce adotaram estudos clássicos na gênese de suas teorias, mas tiveram influências muito distintas. Ambos perceberam o estudo dos processos de significação como um desafio teórico dinâmico. Esta visão deve-se à origem epistemológica de cunho filosófico envolvendo outras áreas do conhecimento. Neste diálogo investigativo foi possível identificar o *signo* como elemento importante no desenvolvimento das teorias. Entretanto, este não se apresenta como fundante em ambas as construções teóricas. Diante dessa particularidade, percebeu-se a possibilidade de conceber o *sujeito* como ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa, mas também ele ganha relevância distinta nas duas teorias.

Palavras-chave:

Semiótica. Sujeito. Análise de discurso.

ABSTRACT

This article seeks possible relationships between Semiotics and Discourse Analysis (DA), highlighting historical moments that contributed to the epistemological development of these two disciplines. Conducting a brief bibliographical research that sought approaches and divergences between the theories, we favored readings of Pêcheux (1997) and Peirce (2005), whose works come from philosophical and linguistic studies, but have in Saussure their initial critical part. Pêcheux and Peirce adopted classic studies in the genesis of their theories, but they had very different influences. Both perceived the study of meaning processes as a dynamic theoretical challenge. This view is due to the epistemological origin of a philosophical nature involving other areas of knowledge. In this investigative dialogue, it was possible to identify the sign as an important element in the development of theories. However, this does not appear as the foundation of both theoretical constructions. Given this particularity, the possibility of conceiving the subject as a starting point for the development of research was perceived, but it also gains distinct relevance in the two theories.

Keywords:

Discourse analysis. Semiotics. Subject.

1. Introdução

O estudo das linguagens humanas remonta à Grécia Antiga. Ainda no século XIX, investigações sobre o sentido de diversas obras buscavam respostas sobre a produção do sujeito. O desenvolvimento econômico e industrial potencializou a criação de novos dispositivos de comunicação e, conseqüentemente, a busca por compreender seus processos de significação ou efeitos de sentido. No ocidente, Semiótica e Análise de Discurso (AD) viabilizam a proliferação de estudos acadêmicos envolvendo as possibilidades da linguagem, com ênfase no signo ou no discurso.

A Linguística contribuiu com os estudos do signo e do discurso, na busca por compreender e interpretar textos literários, políticos ou socioculturais. O presente artigo, produzido em função das demandas de uma componente curricular do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL – UNEB, dá destaque à Semiótica de origem nos Estados Unidos, com o filósofo, cientista, linguista e matemático Charles S. Peirce, através da obra denominada *Semiótica*, e à Análise de Discurso de linha francesa, da qual destacou-se a obra *Semântica e Discurso*, do também filósofo Michel Pêcheux.

Para empreender a construção do presente texto, foram realizadas pesquisas bibliográficas também envolvendo a obra do linguista suíço Ferdinand de Saussure e artigos correlatos em base digital. A sistematização da leitura ocorreu buscando possíveis relações entre Semiótica e Análise de Discurso, respeitando, porém, as diferenças existentes entre elas. Inseridas na discussão histórico-filosófica que envolveu o surgimento e o desenvolvimento de ambas as teorias, a concepção de *signo* e a de *sujeito* foram impulsionadoras do estudo ora apresentado. Hipoteticamente presentes nas duas obras aqui enfocadas, ainda que de formas distintas, os conceitos destacam-se no ideal de busca pela compreensão dos processos de produção social do sentido.

A proposta inovadora dos autores, extrapolando os estudos linguísticos realizados por Saussure, denota uma tentativa de fortalecimento científico que foi perceptível desde as origens da Semiótica e também nas formulações francesas da Análise de Discurso. Diante disso, busca-se aqui tecer um caminho possível de relação entre as produções de Charles S. Peirce e Michel Pêcheux, mesmo reconhecendo a distância conceitual que existe entre eles. Para tanto, o *signo* e o *sujeito* serão elementos centrais na elaboração do raciocínio aqui trabalhado. A

seguir, apresentamos a AD francesa e suas relações com a Linguística de Saussure para, depois, traçar alguns paralelos com a Semiótica peirciana.

2. *Análise de Discurso e Linguística*

A linguagem é objeto de estudo desde a Antiguidade Clássica. Na Grécia, filósofos como Aristóteles (384-322 a. C.) destacavam a singularidade existencial do ser humano e, em sua obra intitulada *Política*, o pensador define o homem como “animal político”, dada sua peculiaridade na articulação sociocultural. Desde então, a ideia de sociedade vem sendo construída no ocidente e busca-se conhecer as “verdades” elaboradas pelo homem.

No século XIX, estudos hermenêuticos tentaram encontrar caminhos para a busca do sentido textual, fomentando a interpretação de textos em seus múltiplos formatos. O objetivo fundamental da Hermenêutica, portanto, era encontrar os significados de tais produções culturais. Neste contexto, surgiu a Linguística como um esforço intelectual (e histórico) na compreensão do sentido de textos. Seu objeto de estudo inicialmente foi a língua e, assim como todo fenômeno humano, ela foi percebida como dinâmica.

No início do século XX, o *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma de Saussure publicada em 1916, elevou o estudo da língua a outro patamar teórico. O paradigma adotado até então propunha um objeto apreciado de forma assistemática, apresentando caráter descritivo e normativo. A Linguística era basicamente histórico-comparativa e Saussure o reconhecia, mas não visava realizar estudos da língua de forma diacrônica; a historicidade não era o foco.

A constituição da Linguística como ciência deu-se principalmente através dos estudos de Ferdinand de Saussure. Embora autores apontem as limitações de sua obra, foi a partir dela que os estudos linguísticos passaram a apresentar maior respeito no ambiente acadêmico, contribuindo para o estabelecimento da ciência da linguagem. Hoje, contudo, a linguística possui teorias diversas, algumas cuja ruptura com o trabalho iniciado por Saussure é mais evidente, outras menos.

Uma olhada rápida no conjunto das teorias atualmente em concorrência nos permite identificar uma dicotomia que opõe, de um lado, os linguistas que, como Saussure e Chomsky, ‘homogeneizam’ o objeto de estudos e “autonomizam” a linguística e, de outro, os linguistas que trabalham com

objetos heterogêneos e ‘interdisciplinizam’ a linguística. (BORGES NETO, 2004, p. 59)

Saussure (2006, p.80) concebe seus estudos sobre a língua na perspectiva da dualidade entre significante e significado. Para ele, o “signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Embora sua análise seja realizada perante a materialização da língua, para Saussure, o signo está submetido ao coletivo:

A língua não pode, pois, equiparar-se a um contrato puro e simples, e é justamente por esse lado que o estudo do signo linguístico se faz interessante; pois, se se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta e não uma regra livremente consentida, a língua é a que oferece a prova mais contundente disso. (SAUSSURE, 2006, p. 85)

Embora se distanciem da dualidade da linguística de Saussure, autores que o têm como base, a exemplo de Michel Pêcheux, participam da ideia de que a construção do signo perpassa por processos da coletividade. A Escola Francesa de Análise de Discurso concebe a língua como produto da engenharia social humana e, nela, os signos são “unidades semânticas” e o texto, uma unidade significativa a se desvelar mediante sua relação com os sujeitos. A ruptura com uma linguística ensimesmada torna a AD inovadora, pelos novos rumos propostos ao estudo da língua/linguagem, a partir da concepção de pluralidade dentro da ideologia.

A Análise de Discurso francesa tem sua “inauguração” no ano de 1969, quando Michel Pêcheux publica sua tese, intitulada *Análise Automática do Discurso*. Ela se particulariza por articular a materialidade da Linguística, os estudos lacanianos da Psicanálise e o materialismo histórico presente no Marxismo, sobretudo a partir de Althusser. A língua, para ele, reflete as relações sociais e a materialização da relação de classes.

No final da década de 1960, o paradigma estruturalista dominava na França. À época, a linguística apresentava, para muitos pesquisadores, a “cientificação” necessária para o estudo das línguas, que se encontrava em um momento ímpar; assim, a linguística começa a ser preponderante nas Ciências Humanas.

Desde a Revolução Industrial, ocorrida no século XIX, cresce o número de veículos de comunicação, a exemplo dos jornais impressos, e

com eles o sistema de signos das diversas sociedades torna-se mais complexo. Nesse período, com os avanços tecnológicos, o aprimoramento de técnicas abrange não só as indústrias, mas também o campo científico. Os novos métodos de produção desencadeiam um novo processo de desenvolvimento cultural, até mesmo na chamada “racionalização do trabalho”.

Em um mundo ávido por respostas sobre a sociedade e, particularmente, sobre a comunicação, a AD funciona como uma contribuição possível, na medida em que buscava ultrapassar os limites da linguística. As pesquisas nesse campo, então, passam a envolver-se com o sentido dos discursos, a levar mais em conta elementos como a ideologia, engendrando fatores históricos e psicológicos em sua construção.

O analista de discurso considera o papel das condições de produção do texto e a escrita da própria obra *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux, é um exemplo de produção realizada em condições sociais específicas, condicionada à ideologia da época e a elementos da rede de memória e do trajeto social vivenciado pelo autor. Sendo assim, Pêcheux não seria “o responsável” por tal discurso, mas ele fez parte de todo um processo histórico que permitiu a construção da obra através de um lugar de fala específico. Imaginar algo fora disso seria uma falsa solução, para Pêcheux (1997):

A primeira “solução” consiste em imaginar uma *saída do sujeito para fora da ideologia* por meio de um ato (individual ou coletivo) que permita “atravessar a barreira” para “passar do outro lado”, *na ciência e no real*, isto é, para atingir as próprias coisas” para além da subjetividade do discurso. (PÊCHEUX, 1997, p. 178)

Uma das motivações para a escrita de *Análise Automática do Discurso* foi a busca pelo “sujeito” do discurso. Aliás, foi em questões relativas à história, língua e ao sujeito que Pêcheux realizou suas reflexões sobre a linguagem e iniciou a Análise de Discurso. Pouco valorizado dentro dos estudos da linguística, o sujeito foi durante muito tempo pouco explorado nos estudos da língua. A psicanálise, contudo, valoriza a estrutura simbólica envolvida nos processos psicossociais que envolvem o sujeito. Esta perspectiva interfere substancialmente na interpretação do signo e na função-sujeito, na AD proposta por Michel Pêcheux. Sobre isso, Siqueira (2017) esclarece:

Uma das inovações da análise do discurso de linha francesa (AD) foi inserir uma teoria não-subjetiva do sujeito dentro deste recente campo,

lidando com problemas da comunicação sem passar pelas teorias informacionais ou liberais clássicas. O esforço de Michel Pêcheux em construir uma teoria que eliminasse a função do sujeito produtor de sentido, porém, que mantivesse uma dinâmica suficiente para evitar cair em formalismos e mecanicismos, deu fôlego e foi parte integrante da criação do método de análise do discurso propriamente francês, como se chama popularmente. [...] Michel Pêcheux utiliza ativamente o conceito de ideologia em Althusser para dar espaço ao sujeito assujeitado, não produtor de sentido, atravessado por diversas formações discursivas, posicionado dentro de formações ideológicas e sem controle sobre aquilo que diz ou que pensa. (SIQUEIRA, 2017, p. 66)

O conceito de ideologia adotado por Michel Pêcheux considera a estrutura da sociedade como resultado de relações que envolvem o estado e aqueles que a ele estão submetidos. O sujeito é considerado, de certa forma, o ponto de partida para se compreender o social, as leis, regras, normas e os valores que cercam o discurso. Entender a estrutura de formação histórica que envolve determinado discurso demanda conhecer redes interdiscursivas e o contexto ao qual pertence. Logo, “é impossível existir um sujeito sem sociedade e sem a ideologia que sempre o interpelará para se tornar sujeito”, segundo Siqueira (2017, p. 67). Com base em Althusser e Lacan, enfim, Pêcheux entende o sujeito como fruto da interpelação (ideológica) que assujeita o indivíduo e que, por meio da sua fala, faz falar inconscientemente uma instituição, ou seja, faz reproduzir a formação discursiva de uma formação ideológica.

Distanciando-se de uma proposta ferramental, o debate contemporâneo da Análise de Discurso, sobretudo nas ciências sociais, têm ainda forte influência da filosofia, concebe a linguagem como produto social e busca respostas sobre as formas de pensar o sentido (ou os sentidos) na produção histórico-cultural.

O signo é múltiplo em sentidos, a depender do contexto em que é utilizado e da dinâmica social dos sujeitos que o empregam. Eles o transformam a partir das suas formações discursivas e ideológicas. Explica Pêcheux (1997):

[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1997, p. 160)

A Análise de Discurso corrobora a ideia da interpelação do sujeito através da ideologia. Nela, o discurso é analisado a partir da rede de memória social em que os sujeitos estão imersos. Para Pêcheux (1997), o

estudo da linguística, na dualidade fala (*parole*) e língua (*langue*), deve ser realizado de maneira que não se valha de uma interpretação mecânica dos processos sociais. Afinal, a língua não é uma simples ferramenta utilizada na comunicação humana, que auxiliaria na expressão do discurso através da fala. Pode-se aqui lembrar o “animal político” de Aristóteles, para quem a língua, embora natural, seria uma tecnologia explorada pelo homem a fim de aprimorar sua comunicação. Considerar a língua como objeto que apresenta o *sentido* de forma explícita seria subestimar a produção cultural humana e as múltiplas possibilidades subjacentes ao tecido social, de transformar dinamicamente significantes e significados a depender dos contextos da enunciação.

Outros autores também se destacam nos estudos da Análise de Discurso. Pode-se citar Michel Foucault, Dominique Maingueneau e Eni Orlandi. No Brasil, na década de 1970, ocorreram diversas transformações, já que os meios de comunicação ganhavam força e as mensagens políticas eram alvo de exaustivas análises. Falar era e ainda é sinônimo de poder e, por isso, um dos destaques na obra de Orlandi é o conceito de “lugar de fala”. Seu livro *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, lançado em 1999, ainda atualmente é um norte para os estudos brasileiros em AD, que, diferenciando-se dos de origem francesa, adotam particularidades, principalmente no quesito desenvolvimento da forma material do discurso.

Segundo Orlandi (2007, p.16), a Análise de Discurso se configura como um “campo de confluência entre a Linguística e as Ciências Sociais”. Contudo, para alguns estudiosos do tema, isso não a configura necessariamente como uma disciplina interdisciplinar, como vemos no trecho a seguir:

Nem por isso, parece apropriado atribuir à Análise do Discurso uma designação de disciplina interdisciplinar, como alguns teóricos insistem em fazer. Fazer isso, seria cair na tentação de encará-la como disciplina de caráter meramente instrumental, sem especificidade própria. E isso definitivamente ela não é. Além do mais, essa é uma ótica reducionista, que elide sua principal característica de ser uma teoria crítica da linguagem. (FERREIRA, 2003, p.39)

Considerando o espaço social como um espaço de contradições e de relações transversais entre áreas distintas do conhecimento, Orlandi (2007) reforça os limites teóricos da confluência existente entre Marxismo, Psicanálise e Linguística. Salientando que a teoria proposta por Michel Pêcheux abre espaço para estudos diversos, ao invés de se fechar em respostas definitivas, a autora esclarece que a AD demarca

uma visão de desenvolvimento contínuo do estudo da linguagem e de “conhecimento inacabado”.

3. *Semiótica e Análise de Discurso: um diálogo possível?*

De forma quase simultânea, ocorreu a origem de três vertentes da Semiótica, nos Estados Unidos, União Soviética e Europa Ocidental. Ferdinand de Saussure foi o pioneiro na utilização do termo “semiologia”, como a “ciência dos significados” e, como Charles S. Peirce, preocupou-se com o signo, ainda que o foco do suíço fosse o signo linguístico. Embora não mantivessem vínculo acadêmico, eles apresentavam algumas semelhanças em suas produções.

A Semiótica vem se consolidando até os dias atuais através de estudos que abordam desde a filosofia à nanotecnologia. A amplitude que envolve os estudos dos signos tem relação com a compreensão peirciana de que pensamos por signos. Peirce (2005) explica:

Sempre que pensamos, temos presente na consciência algum sentimento, imagem, concepção ou outra representação que serve como signo. Mas segue-se de nossa própria existência [...] que tudo o que está presente a nós é uma manifestação fenomenal de nós mesmos. (PEIRCE, 2005, p. 269).

Segundo o autor (2005, p. 47), existe uma relação de pertencimento entre os signos e os objetos apresentados ao homem; sendo assim, “para que algo possa ser um signo, esse algo deve representar, como costumamos dizer, alguma outra coisa, chamada seu Objeto”. Essa relação de pertencimento remete ao significado atribuído aos elementos do mundo real, mas sem excluir dele as representações culturais, ideológicas, filosóficas etc. Afirma (2005), ainda, que:

Um Signo é um Cognoscível que, por um lado, é determinado [...] *por algo que não ele mesmo*, denominado de seu Objeto. Enquanto, por outro lado determina alguma Mente concreta ou potencial, determinação esta que denomino de Interpretante criado pelo Signo, de tal forma que essa Mente Interpretante é assim determinada mediatamente pelo Objeto. (PEIRCE, 2005, p. 160).

Peirce, durante a construção teórica da Semiótica, referia-se ao interpretante como determinado pelo signo e este como determinado pelo objeto. Ainda que não tenha centralizado o sujeito/intérprete em tal processo, as relações que aí se dão, se pensadas em âmbito social, apontam também, mesmo que implicitamente, para a presença do sujeito

na busca pelo sentido. Afinal, o sentido não está no signo apenas, mas no contexto em que está inserido.

Aliás, Peirce propôs muito mais do que uma ciência dos signos; mas uma filosofia do conhecimento, que pode contribuir para a construção de caminhos na busca por respostas sobre a semiose humana. Semiótica e AD divergem, mas nascem com propostas que demarcam suas especificidades como “disciplinas críticas” e as duas se preocupam com os rumos da ciência.

Na AD, os pesquisadores não são agentes ativos nas pesquisas; são sujeitos em ação. Sobre isso, Pêcheux (1997) afirma:

É impossível continuar mantendo por mais tempo a “evidência” segundo a qual o homem, o sujeito, *a atividade humana*, etc., que produz os conhecimentos científicos. Sem dúvida – pensar-se-á imediatamente diante do idealismo “evidente” desta primeira solução - não é o Homem que produz os conhecimentos científicos, são *os homens*, em sociedade e na história, isto é *a atividade humana social e histórica*. (PÊCHEUX, 1997, p. 190) (grifo do autor).

O valor dos estudos dos signos e dos discursos, quando inseridos nas ciências sociais, está na capacidade de compreender o sentido como algo inerente ao coletivo humano, ao social. As instituições, responsáveis pela vasta produção cultural de uma sociedade, atrelam seus discursos a determinadas formas de ver o mundo – ideologias ou crenças que necessitam ser contextualizadas para que os modos como estão impressas nos discursos possam ser compreendidos.

Para Peirce (1993), são quatro os métodos de fixação de crenças: a) o da tenacidade ou de voluntarismo individual, que permite ao sujeito reconhecer a existência de ideias diferentes sem encará-las; b) o método da autoridade ou de voluntarismo da autoridade institucional, implantado, por exemplo, por governos que segregam ou punem os indivíduos que não cumprem o voto de fidelidade à imposta crença coletiva; c) o método *a priori* ou de voluntarismo intelectual, que possibilita, por exemplo, a defesa filosófica em certa crença por quem se sente inclinado a nela acreditar, simplesmente, por proposições “agradáveis à razão” e, não necessariamente, por estar apoiada em fatos; d) e o método da ciência, validado por evidências de algo externo e estável, independente dos indivíduos que produzem significação a respeito dele. Peirce associa a verdade ao método experimental de assentar opinião; contudo, defende menos a chegada à verdade em si do que o caminho (a semiose) para persegui-la.

Para Pêcheux, como vimos, o conhecimento científico também não resulta de indivíduos particulares, mas dificilmente seria desvinculado de formações discursivas e ideológicas. De qualquer modo, Semiótica e AD compartilham a ideia de que os signos fazem parte de um sistema histórico – de semiose, para aquela, ou de interdiscurso, para a AD. Essa relação diacrônica dos processos de produção de sentido compõe a natureza coletiva da significação e seus contínuos resultados. Nenhum dos autores em questão, contudo, propõe remontar a origem dos processos sógnicos ou discursivos investigados.

Pêcheux trabalha com a impossibilidade de definir a origem fundadora das condições de produção, supondo uma recorrência infinita nas relações do discurso com os discursos que o antecederam, o que nos faz lembrar do conceito peirciano de semiose infinita. O autor francês, demarca, contudo, a radical diferença entre a sua abordagem e a fenomenologia, na qual Peirce se baseia:

Por oposição à tese ‘fenomenológica’ que colocaria a apreensão perceptiva do referente, do outro e de si mesmo como condição pré-discursiva do discurso, supomos que a percepção é sempre atravessada pelo ‘já ouvido’ e o ‘já dito’, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas. (PÊCHEUX, 2014, p. 85)

Quer o discurso remeta ao 'contexto', quer remeta ao interdiscurso, ou ainda aos sujeitos da enunciação, na AD, sempre atravessa materialidades discursivas, distanciando-se dos fatos em si e dos indivíduos empíricos. Para Pêcheux, apesar de os processos discursivos não se originarem nos sujeitos, neles são realizados. Consequentemente, assim como em Saussure, o objeto/referente perde relevância em tal perspectiva teórica ou é encarado como construção discursiva, divergindo claramente da Semiótica peirciana.

4. Considerações finais

A Análise de Discurso adotou sistemas de análise da linguagem a partir de elementos componentes de uma rede sociocultural, e a relação do sujeito do discurso com as condições de produção do seu dizer tornou-se central no olhar de Pêcheux. Como foi visto em Orlandi (2006, p. 16), procura-se descobrir “como em seu funcionamento o texto produz sentido”. Assim, a AD se distanciou da perspectiva descritiva da linguística saussuriana, com a qual também a Semiótica peirciana não tem muitas similaridades.

O percurso da pesquisa bibliográfica que resultou no presente artigo buscou possíveis relações entre a Semiótica peirciana e a Análise de Discurso francesa, mesmo reconhecendo as diferenças entre as duas. Pêcheux (1997) e Peirce (2005) adotaram estudos clássicos na gênese de suas teorias, mas tiveram influências muito distintas – este mais voltado à fenomenologia e aquele ao materialismo histórico.

A construção epistemológica de ambas se deu a partir de debates filosóficos envolvendo diversas áreas do saber. Linguística, História e Psicologia foram fundamentais no processo de maturação científica da Análise de Discurso de linha francesa. É possível destacar a Epistemologia e a Lógica na elaboração da Semiótica. Mas ambos perceberam o estudo dos processos de significação como um desafio teórico dinâmico.

Peirce e Pêcheux realizaram reflexões sobre o formato de ciência até então adotado e transformaram a forma de conceber os estudos do signo. Contudo, embora o signo se apresente de forma importante em Pêcheux, a partir dos seus diálogos com Saussure, não é elemento fundante como em Peirce. É apenas um conceito a mais no processo de construção do sentido; assim como o de sujeito passa longe de ser o centro dos estudos peircianos. Aliás, muito do que se estuda com base na Semiótica e na AD gira em torno da produção humana, mas a Semiótica apresenta uma rede de conhecimentos e alcance mais ampla.

Constatou-se ainda, através das leituras, que Semiótica e AD perseguem seus objetos (a semiose, em Peirce, ou o discurso, em Pêcheux) privilegiando caminhos para respostas possíveis, mas não absolutas. Em Peirce, a semiose infinita aponta um interpretante final idealizado, mas não alcançado. Em Pêcheux, a própria análise é uma construção discursiva feita por lembranças e esquecimentos. Portanto, ser sujeito é o primeiro desafio para o pesquisador, que tenta também compreender suas motivações na busca por determinada “verdade”, sendo ele próprio resultado de um sistema complexo de relações socioculturais. Diante disso, entendemos que não há verdades e sim a condição do *devoir*.

Semiótica e AD, enfim, apresentam-se historicamente como teorias inacabadas. Desvencilhando-se de limitações teóricas comuns à época, ambas as teorias se engendraram em outras áreas do saber e seus projetos teóricos abriram espaço para uma gama diversificada de trabalhos acadêmicos. Porém, o engessamento ou a banalização no

posterior uso de alguns de seus conceitos parecem reduzir tanto a Semiótica quanto a AD a meros métodos de análise no estudo de linguagens, em contramão ao que Peirce e Pêcheux propunham. Diante disso, cabe-nos reconhecer que, mesmo demonstrando ser possível alguma relação entre tais autores, o teor inovador de suas obras e a complexidade de ambas as teorias indicam menos semelhanças do que diferenças entre elas – a maioria aqui não trabalhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES NETO, José. *Ensaio da filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.

CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho. Teoria semiótica: a questão do sentido. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 393-438.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. *Letras*, Rio Grande do Sul, n. 47, p. 39-46. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318>. Acesso em: 24 de junho de 2021.

GOMES, Janice Alves. A Origem da Semiótica. *Na.ais do SILEL*, v. 1, n. 1, , Uberlândia, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdo_silel/pt/arquivos/gt_lg07_artigo_2.pdf. Acesso em: 28 de junho de 2021.

MARTINS, Helena. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 439-73

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Análise de discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, E.P. (Orgs). *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-32

PECHÊUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 2014. p. 11-38.

_____. *Semântica e Discurso*. São Paulo: UNICAMP, 1997.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIQUEIRA, Vinícius. *Análise de discurso: conceitos fundamentais de Michel Pêcheux*. Mauá-SP: Colunas Tortas, 2017.